

Eduardo Tulio Baggio > **Percursos C(h)rono-Vazantes de Videoartes****Resumo**

Texto de curadoria à inauguração da galeria de vídeos junto à seção Proposições Poéticas na Revista Vazantes. Este ensaio curatorial trata sobre as questões entre arte, filosofia e estética para analisar as seis obras audiovisuais, de cinco artistas brasileiros (N1L0, Nilo Rivas, Marcelo Gobatto, Cristiano Figueró, Milena Szafir, Andreia Oliveira e Guto Alvim) - criações artístico-sonoro-videográficas ao longo dos primeiros meses no qual fizemos contágio.

Palavras-chave: Estética da arte. Videoarte. Video-poema. Cinema e audiovisual. Pandemia COVID-19.

> Professor do Bacharelado em Cinema e Audiovisual e do Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo, ambos da Unespar (Universidade Estadual do Paraná). Integra os grupos de pesquisa Cinecriare (Unespar/CNPq) e Kinedária (Unespar/CNPq). Membro do ST Teoria de Cineastas da Socine e do GT Teoria dos Cineastas da AIM. Tem textos publicados em revistas como Cine Documental, Aniki, Doc Online, Galáxia e Cognitio. É um dos organizadores dos livros Teoria dos Cineastas (Vols.1, 2 e 3). Entre seus filmes destacam-se A Alma do Gesto (2020), João & Maria (2016) e Santa Teresa (2014).

COMO CITAR:
BAGGIO, E. (2020). PERCursos C(h)RONO-VAZANTES DE VIDEOARTES. REVISTA VAZANTES, 4(1), 185-189. [HTTPS://DOI.ORG/10.36517/vazppgartesufc2020.1.13](https://doi.org/10.36517/vazppgartesufc2020.1.13)

Eduardo Tulio Baggio **The Video Art C(h)rono-Vazantes Routes**

Abstract

Text about the video gallery launch at Poetic Propositions Section in the Vazantes Journal. This curatorial essay deals with the issues between art, philosophy and aesthetics to analyze the six audiovisual works, by five Brazilian artists (N1L0, Nilo Rivas, Marcelo Gobatto, Cristiano Figueró, Milena Szafir, Andreia Oliveira and Guto Alvim) - artistic creations over the first months in which we made contagion.

Keywords: Aesthetics. Video Art. Video-poetry. Cinema and Audiovisual. COVID-19 pandemic.

O tema da adequação da arte com a verdade, comum aos filósofos românticos (HAAR, 2007:41), hoje em dia não é tão recorrente no meio das Artes, mas talvez valha a pena voltarmos a refletir sobre ele. Tal reflexão pode nos ajudar, entre outras coisas, a evitar uma perspectiva relativamente comum no debate sobre obras artísticas e, mais especificamente, sobre produções audiovisuais no campo das Artes, que comporta uma dicotomia que traz a falsa premissa disruptiva entre conteúdo e forma, como se o todo de um discurso artístico pudesse ser estratificado.

Para Friedrich Schelling, em sua filosofia da natureza, “a identidade da produtividade e do produto no conceito originário de natureza é expressa por meio das habituais perspectivas da natureza como um todo (...)”. Ainda que Schelling evite comparar a arte e a natureza, afirma que esse todo, que traz em si a identidade entre o ideal e o real, só pode ser encontrado, além da natureza, na arte. E, no caso específico da arte, “o conceito precede o ato, a execução (...)” (SCHELLING apud GONÇALVES, 2015:20-21).

Márcia Gonçalves reitera a “recusa de Schelling em fazer uma analogia entre arte e natureza, como em Kant, e tampouco em afirmar a superioridade da arte sobre a natureza, como em Hegel.” (GONÇALVES, 2015:21). Mesmo que sem tal analogia direta, vale destacar que Schelling aponta para a “identidade do ideal e do real” que se afirma pelo todo, tanto na natureza como na arte. Em outras palavras, “enquanto obra ou produto acabado, a arte representa de maneira imediata o infinito no finito - ou realiza a fusão completa e recíproca do universal e do particular -, sua ‘formação-em-um-só’ (*Ineinsbildung*). Há na arte ‘indiferença’, diz Schelling, entre o universal e o particular.” (HAAR, 2007:41)

E, para findar, por ora, essa noção da obra de arte como todo indivisível, é preciso lembrar que a arte exerce o papel da liberdade no que é produzido – ainda que precedido de conceito, como afirma Schelling – e, nesta acepção, promove a concepção universal via razão do que seria particular e exclusivamente imediato. Foi assim que Schelling concebeu a “extensão do predicado da liberdade à Natureza” transpondo da extração “de seu conceito geral o fundamento da arte.” (IBRI, 2011:214)

Tal unidade à qual me refiro, expressa pela materialidade das obras de videoarte aqui abordadas, assim como em obras cinematográficas, são “blocos de movimento/duração”, como concebe Deleuze (DELEUZE, 1999). É a partir do todo indivisível enquanto obras artísticas e da materialidade dos blocos de movimento/duração que proponho considerar as cinco (seis) videoartes presentes nesta galeria multimídia que se inaugura junto à Revista Vazantes, com suas concepções imbricadas entre forma, conteúdo e contexto.

Diante do contexto pandêmico e das restrições e possibilidades do mesmo, abrimos a sequência de videoartes aqui apresentada com uma escritura que evoca uma estrutura epistolar: *Carta (a)Pós-dia#1 ou outro(s) vir(us)?* (Milena Szafir, 2020). Carta ao mundo, sem destinatário único, provoca o encontro e a repetição, como que em convocação aos dias que viriam – e vieram – após o dia 1, o 2, o 3, e se apresentaram na forma de encontros constantes/distantes e repetitivos. Construção bastante elaborada em seu uso dos “blocos de movimento/duração”, o vídeo desmascara nossa condição ingênua e/ou omissa frente aos vírus que nos contaminaram neste que é/foi o ano no qual fizemos contágio.

Após o dia 1, vem o mês, os 30 dias pandêmicos do projeto “30dias30beats” representados por *Liberdade e Disciplina* (Cristiano Figueró, 2020). O vídeo torna visível o que normalmente não é visto, pois que são partes próprias do processo de produção, como *waveforms* e outros grafismos de controle produtivo. Assim, traz até nós uma forma de constituição metalinguística que ultrapassa os limites do que é profílmico – ou provídeo – a partir de palavras de Paulo Freire, que, justamente, discutem a noção de liberdade conformada a atos de disciplina e ao que pode ser limitado: “Não há liberdade sem disciplina” e “o limite é o caminho da disciplina.” O trabalho extrapola limites, os da materialidade mais típica, a videografia do que está diante da câmera, porém conforma outros limites, pois reconhece o grande poder das palavras registradas no material de base.

A condição pandêmica, aguda, passa também a ser crônica. *C(h)ronicas do Isolamento - episódios 1 e 2* (Marcelo Gobatto, 2020) transpõe, c(h)ronologicamente, a reconfiguração do cotidiano e transborda para o enfado que este traz, interrompido, pelo todo contemplar da natureza, da natureza, em vão, em vão. Depois do 1, tem o episódio 2, com eles vamos de 7 até 30 de abril, passando por Rio Grande, por máscaras, por UTIs, álcool em gel e por Canoas. Em fins, os retornos com Cais e Pão com Mel celebram o que ainda pode vir. Se não fosse crônica, nossa condição seria aguda, mas 2020 mostrou que essa oposição das tipologias das dores e doenças nem sempre se aplica, ano crônico e agudo.

Por sinal, o ano, além de tempo, meses, semanas, dias, também é escolar, é letivo. É a essa condição, escolar e letiva, que *Ninguém fica para trás* (Nilo Rivas e N1L0, 2020) menciona, questiona. Qual a verdadeira condição de efetividade dos programas pedagógicos emergenciais pandêmicos? Quem tem legitimidade para colocar essas propostas em prática? Quem está alinhado para transformar o estado crítico, crônico e agudo em momento oportuno?

Se para essas perguntas as respostas parecem mais evidentes, em *desterritórios do corpo # 1* (Andréia Oliveira, 2020) todos somos colocados em questão. A obra opera com a materialidade videográfica das paisagens naturais e paisagens do corpo, em uma chave de amálgama visual e sonoro que nos leva ao sentido combinatório e, simultaneamente, comparativo, em um tratamento plástico que permite antever e rever, ao mesmo tempo. Antevemos e revemos o que talvez não mais exista, o

que temos dúvida se ainda está de pé, diante da destruição do todo da natureza – chamando Schelling novamente. Os blocos de movimento/duração sobrepostos estão no presente, estão no aqui, de forma rápida e linear, no sentido narrativo do termo. Este sentido, que o vídeo também evoca, em sua sugerida ininterrupção em forma de *travelling* da direita para esquerda, como que retrocedendo e apontando para o que era e o que precisamos voltar a ter/ser. As paisagens de sons, também em amálgama, reforçam que o corpo pode não encontrar mais o território natural, salvo em operações artificiais. Talvez não possamos retroceder em tempo e o suficiente, talvez não possamos ocupar novamente o que ocupamos em demasia.

Vídeos em uma publicação acadêmica são a expressão de que podemos ocupar novos lugares – não em demasia – e revisar a reflexão sobre a arte e a verdade de maneiras variadas, tendo o todo da obra artística e sua premissa conceitual como focos, como nortes, como encontros.

Boas audiovisualizações!

Referências

- DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. Folha de São Paulo, 27/06/1999. Disponível em: <https://docslide.com.br/documents/deleuze-gilles-o-ato-de-criacaoopdf.html>. Acesso em 08 out. 2017.
- GONÇALVES, Márcia Cristina Ferreira. Construção, criação e produção na filosofia da natureza de Schelling. *Revista DoisPontos*, Curitiba, São Carlos, volume 12, número 02, p. 13-26, outubro de 2015.
- HAAR, Michel. *A Obra de Arte: Ensaio sobre a Ontologia das Obras*. Tradução de Maria Helena Kühner. 2ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2007.
- IBRI, Ivo Assad. Sementes Peircianas para uma Filosofia da Arte. São Paulo: *Revista Cognitio*, v. 12, n. 2, p. 205-219, jul/dez. 2011.